

## QUAIS CLÁSSICOS? UM CÂNONE PARA A EUROPA<sup>1</sup>

### WHAT CLASSICS? A CANON FOR EUROPE

Roberto Antonelli  
Universidade de Roma La Sapienza  
Roma, Itália

**Resumo:** O artigo apresenta uma reflexão sobre o cânone literário europeu com o objetivo de averiguar se há um denominador literário comum entre os países da Europa. Além disso, questiona se esses elementos ditos comuns podem agir para superar a crise política, econômica e social enfrentada por aquele continente. A discussão mostra o resultado de duas pesquisas realizadas em 2007 e 2011 pelo Departamento de Estudos Europeus, Americanos e Interculturais da Universidade La Sapienza de Roma e pelo Centro de Iniciativa Democrática de Professores; pesquisa essa que contou com uma amostra de cerca de 3.000 estudantes universitários e de ensino médio, e cerca de 100 professores universitários de literatura. Algumas das questões que nortearam a pesquisa foram: O que cada país entende por “literatura europeia”? Quais autores e obras a representam? Esses autores e obras podem formar um “cânone” da “literatura europeia” capaz de identificar e propor um denominador comum mínimo e um caminho formativo comum para todos os 28 países que atualmente formam a União Europeia? Em que perspectivas globais, ou de *Weltliteratur*, é possível imaginar as relações entre a literatura europeia e as literaturas de outros países e continentes?

**Palavras-chave:** Cânone Literário Europeu; Formação; *Weltliteratur*

**Abstract:** This article presents a reflection on the European literary canon in an effort to ascertain whether there is a common literary denominator between the countries of Europe. It also questions whether these common elements can act to overcome the Europe’s current political, economic and social crisis. The discussion centers on the results of two surveys, conducted in 2007 and 2011, by the Department of European, American and Intercultural Studies of Sapienza Università di Roma and the *Centro di Iniziativa Democratica degli Insegnanti* (Teacher’s Center for Democratic Initiative),

---

<sup>1</sup> *Quali classici? Un canone per l'Europa*. Roma: Associazione Amici dell'Accademia dei Lincei, “Letture corsiniane”, 2 aprile 2017, Bardi Edizioni.

which included approximately 3,000 university and high school students and 100 literature professors. The following questions guided the research: What does each country mean by "European literature"? Which authors and works represent it? Can these authors and works form a "canon" of "European literature" that can identify and propose a minimum common denominator and formative path for all countries of the European Union? In what global perspectives, or *Weltliteratur*, can relations between European literature and the literatures of other countries and continents be imagined?

**Keywords:** European Literary Canon. Formation. *Weltliteratur*

Nesta mesma Academia, durante dez meses do ano passado, uma exposição de manuscritos e livros da Biblioteca Corsiniana permaneceu aberta. A exposição foi intitulada “Os livros que fizeram a Europa. Manuscritos latinos e romances de Carlos Magno à invenção da imprensa”<sup>2</sup>.

Sem medos, porém. Não pretendemos repetir o caminho: a Exposição é apenas uma referência “histórica”, mas o tema que discutiremos hoje, “Quais clássicos? Um cânone para a Europa”, a exposição, as suas motivações e, acima de tudo, a Biblioteca Corsiniana, estão de alguma forma interligados, pois representam uma extensão particular do cânone até os dias atuais, na expectativa da segunda parte daquela mesma exposição. Em ambos os casos partiu-se da consciência da crise da União Europeia e da certeza da inadequação de muitas das escolhas políticas e econômicas realizadas até agora, mas, sobretudo, da falta de atenção que levou a uma reflexão profunda sobre as problemáticas de uma unificação política que exigiria inevitavelmente lidar com complexos problemas de identidade em um organismo que reúne 28 países (mais outros candidatos), distintos entre si por histórias, línguas, religiões e culturas muito diferentes, muitas vezes caracterizadas ao longo dos séculos, e particularmente no século XX, por sangrentos conflitos.

Não pretendemos propor uma lista de obras literárias excelentes, “clássicas”, para ilustrar os seus méritos e o seu valor, mas entender se existe um denominador literário europeu comum e se este pode servir para nós hoje, para o futuro da Europa.

Quais são então os elementos literários que podem unificar países e culturas tão diferentes e por quê? E como esses elementos podem agir para superar uma crise tão vasta, na qual os apelos a uma distorcida identidade problemática são cada vez mais agitados por questões anti-europeias, nacionalistas e até mesmo racistas?

Quando falamos de elementos comuns ou unificadores no campo cultural e literário, o pensamento imediatamente corre para o que é definido como imaginário coletivo e, portanto, para os autores e as obras que contribuíram para formá-lo. Corre aquilo que recolhe os seus elementos mais significativos e define um *cânone* (palavra que ainda assusta muitos críticos, sobretudo franceses): isto é, dirige-se aos autores e/ou a obras consideradas fundamentais ou mais importantes de um sistema literário, aquelas sobre as quais ao longo dos séculos ou na atualidade medem-se os valores, aquilo que foi considerado digno de ser transmitido e repassado. *Canonem* é, de fato, do grego *kanon*, “régua”, aquilo que é necessário para medir o resto, assim como *clássicos* eram para os romanos os pertencentes à primeira *classe* de recenseamento, aqueles sobre os quais eram medidos o poder e o prestígio, mais tarde também linguístico, dos outros (os “não

---

<sup>2</sup> A exposição ocorreu de 31 de março a 13 de dezembro de 2016, na Biblioteca da Academia Nacional dos Lincei e Corsiniana, em Roma. Foram disponibilizados à visitação do público 180 livros-manuscritos latinos, vernáculos, gregos, árabes e hebraicos, que giraram em torno dos seguintes temas: obras da tradição clássico-cristã (Trívio, Quadrívio, Bíblia); enciclopédias e tratados de ciência, direito, hagiografia, historiografia, épica, romance, lírica, obras sacras, dos primórdios à invenção da imprensa. [N.T.]

proletários”, como Aulo Gellio escreve com implacável precisão sociológica no século 2 d.C.)

É intuitivo, mas também historicamente fundamentado, que o cânone das obras e dos autores a serem transmitidos e, portanto, dignos de serem estudados, está indissolúvelmente ligado à escola e ao ensino: os “clássicos” colecionam valores e normas que expressam e guiam uma comunidade e a formação de seus intelectuais, isto é, em sentido amplo, das classes dominantes, mas também dos leitores e do público. Entre o cânone, os clássicos e o ensino fundamental e médio sempre existiu e existe uma relação muito próxima: quando essa se quebra ou se divide, podemos estar certos de que estamos diante de um sinal claro de crise ou de séria discordância.

A bem dizer, depois de uma história de muitos séculos, tratando-se de questões relacionadas à escola e à formação, não podemos pensar em soluções simples e imediatas de forma realística mas, de todo modo, devemos começar, caso contrário os tempos de realização sempre parecerão inadequados aos problemas a serem enfrentados. A questão é (como se repete com frequência): onde estamos hoje e o que fazer em relação a um cânone de clássicos europeus?

Nós, italianos, devemos estar muito conscientes dessa questão, porque, ao contrário de outros grandes Estados europeus, tivemos que enfrentá-la no momento da unificação nacional, tendo – como foi muito bem dito – “feita a Itália, fazer os italianos”. De fato, tivemos que nos confrontar com diferentes línguas, culturas e imaginários, mesmo que unificados sob uma língua literária substancialmente unitária e podendo contar com uma taxa, embora muito baixa, de falantes de italiano (as percentuais variam de cerca de 3%, de Tullio De Mauro, para cerca de 10%, de Arrigo Castellani). Os resultados do processo de escolarização e unificação são agora reconhecidos como amplamente perceptíveis, mesmo com rupturas e vazios que ainda hoje são evidentes e penalizantes. É certo que no “fazer os italianos” um papel central foi desempenhado pela escola e que na escola um papel muito significativo foi desempenhado pelo cânone, sobre o qual foi definida a educação literária no ensino secundário: um cânone, seja dito *en passant*, que mudou apenas muito parcialmente, e não substancialmente, até hoje.

Naturalmente, o caso italiano tem valor exemplar, mas limitado, tanto pelas diferenças linguísticas entre a Itália unificada e a União Européia, onde existem 24 línguas oficiais, em sua maioria não redutíveis umas às outras (como era possível para os dialetos da Itália unificada), onde não há uma literatura reconhecida unitariamente como “europeia” e, portanto, não ensinada na escola; como pelo fato da literatura já ter perdido em nível das massas o papel hegemônico de reservatório e produção do imaginário coletivo (em benefício da cultura midiática e da rede). Todas são diferenças importantes, mas todas, no entanto, são incluídas e ultrapassadas por dois outros fatos incontestáveis: (1) a literatura permanece o reservatório fundamental também do imaginário midiático, embora manifestado em outras formas de expressão, e (2) a escola sempre conta prioritariamente com a literatura para se relacionar com o imaginário juvenil no momento absolutamente decisivo da formação, dos êxitos que permanecem para toda a vida (também em termos de leituras, interesses e gostos posteriores).

É precisamente esse o ponto a partir do qual gostaríamos de começar, entre os muitos possíveis, a pensar juntos sobre “quais clássicos e qual eventual cânone para a Europa”. Não pretendemos propor outro cânone, mais ou menos compartilhável, baseado em nossa opinião ou na de outros críticos (ainda que, veremos mais adiante, o resultado talvez não mudasse muito em comparação às opiniões e expectativas existentes).

Acabamos de dizer que não existe uma literatura europeia que seja reconhecida unitariamente como “europeia”. No entanto, existem várias tentativas de histórias da literatura europeia, e há sobretudo pelo menos dois modelos historiográficos, baseados em diferentes periodizações temporais, que coincidem em grande parte na concepção espacial limitada à Europa Ocidental.

Sob o plano temporal, uma periodização refletida de modo servil na *Storia d'Europa* da editora Einaudi, e com base também em critérios de historiografia geral, coloca o início da literatura europeia na afirmação definitiva dos grandes Estados nacionais e nos seus conflitos, ou seja, uma literatura europeia “de curta duração”: por volta de quatro séculos ao todo, considerando em seguida que na segunda metade do século XX, e não apenas para essa concepção historiográfica, é necessário falar de *Weltliteratur*, uma literatura “mundial”, que hoje chamaríamos globalizada.

Existe ainda outro modelo, que definiremos como “de longa duração”, que inicia a literatura europeia há cerca de três mil anos, com Homero, para chegar à primeira revolução industrial ou aos dias de hoje; foi essa a que realmente produziu as duas únicas obras que poderiam ser definidas, até o ano passado, de “literatura europeia”: *Mimesis*, de E. Auerbach, e *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, de E. R. Curtius, ambas lançadas imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, não por acaso intérpretes da grande crise da Europa e da cultura europeia.

De imediato direi que, apesar de todas as possíveis distinções e reservas que poderiam ser direcionadas ao segundo modelo, considero que ele seja o único capaz de interpretar corretamente a realidade da literatura europeia, principalmente pela forma como a compreendemos e vivemos na segunda metade do século XX, e em grande parte por como podemos concebê-la e vivê-la ainda hoje. Mas isso, como mencionei de antemão, não conta. Se as considerações lançadas na introdução estiverem corretas, precisamos ir além de interpretações críticas individuais e autorais, como as de Curtius e Auerbach, em busca de resultados mais “objetivos” e atuais. Por exemplo - mas certamente poderia haver outros questionamentos - qual é a nossa opinião e a de nossos contemporâneos europeus a esse respeito? O que entendemos e o que eles entendem por “literatura europeia”, e quais autores e obras a representam? E esses autores e obras podem formar um “cânone” da “literatura europeia” capaz de identificar e propor um denominador comum mínimo e um caminho formativo comum para todos os 28 países que atualmente formam a União Europeia? E talvez, por último mas não menos importante, em que perspectivas globais, de *Weltliteratur*, portanto abertas e não fechadas ou obtusamente identitárias, é possível imaginar as relações entre a literatura europeia e as literaturas de outros países e continentes?

Uma resposta inicial foi dada a partir de duas pesquisas, com algumas diferenças entre si, repetidas com alguns anos de distância uma da outra, por um grupo de pesquisa do Departamento de Estudos Europeus, Americanos e Interculturais da Universidade La Sapienza de Roma e do Centro de Iniciativa Democrática de Professores. As questões eram muito articuladas e foram submetidas a uma amostra, inicialmente composta por professores de disciplinas literárias de 15 países europeus (por diferentes razões, a Rússia e a Turquia foram incluídas), e depois a uma amostra de cerca de 3.000 estudantes universitários e de ensino médio, e cerca de 100 professores universitários de literatura.

A variedade de questões também teve como objetivo verificar a confiabilidade das respostas e verificar, especialmente na segunda pesquisa, o impacto sobre a afetividade e as emoções dos sujeitos interrogados, tanto perguntando quais autores e obras da literatura europeia consideravam mais importantes, como também quais seriam os personagens considerados mais relevantes e quais sentimentos e emoções sentiam através da leitura e depositadas nos personagens favoritos. Ou seja, qual o imaginário emotivo transmitido pela literatura europeia.

Mostrarei o quadro geral. Poderiam ser, obviamente, incentivo para considerações mais complexas, de resto já apresentadas em vários eventos e ocasiões, mas vou me limitar aqui apenas àquelas fundamentais para a individualização de “quais clássicos para a Europa”, recordando preliminarmente dois pontos fundamentais: 1) Os entrevistados não puderam indicar autores e obras de seu país, para depurar as respostas de qualquer tentação nacional ou nacionalista; 2) Não foram indicados limites temporais ou de gênero: poderiam ser indicados todos os modernos e contemporâneos, ou medievais ou ainda os antigos, fossem homens ou mulheres.

Iniciamos então pela tabela resultante da primeira pesquisa (2007), realizada com 52 professores universitários de literatura “nacional” em 12 países da União Europeia (Itália, Reino Unido, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Espanha, Portugal, Polônia, Eslováquia, Suécia e Finlândia, aos quais foram acrescidas a Rússia, cuja literatura é fundamental para a Modernidade, e a Turquia, como membro candidato):

<b>AUTORES</b>	<b>Porcentagem (aproximada)</b>
Dante Alighieri Johann Wolfgang Goethe William Shakespeare	70 %
Lev Nikolaevic Tolstoi Miguel de Cervantes Fiódor Dostoiévski Franz Kafka Thomas Mann	62,5 %
Gustave Flaubert Francesco Petrarca	47,5%
Anton Cechov Homero Honoré de Balzac	42,5%

James Joyce Marcel Proust Molière Sófocles Stanislaw Lem Charles Baudelaire	
Henryk Ibsen	35 %
Giovanni Boccaccio Ludovico Ariosto Charles Dickens François Rabelais Jean Racine Stendhal Virgílio Virginia Woolf Ovídio	32,5 %
Voltaire Eurípedes Calderón de la Barca Albert Camus Samuel Beckett Bertolt Brecht Victor Hugo Giacomo Leopardi Michel de Montaigne Robert Musil Horácio Arthur Rimbaud Jean-Jacques Rousseau Émile Zola	25 %

<b>OBRAS</b>	<b>Porcentagem (aproximada)</b>
M. de Cervantes, <i>Dom Quixote de la Mancha</i> W. Shakespeare, <i>Hamlet</i> D. Alighieri, <i>Divina Comédia</i>	62,5 %
J. W. Goethe, <i>Fausto</i> L. N. Tolstói, <i>Guerra e paz</i> G. Flaubert, <i>Madame Bovary</i>	47 %
J. Joyce, <i>Ulysses</i> M. Proust, <i>Em busca do tempo perdido</i> Homero, <i>Iliada</i> Homero, <i>Odisseia</i> F. Petrarca, <i>Cancioneiro</i>	40 %
G. Boccaccio, <i>Decamerão</i> F. Kafka, <i>O processo</i> Ch. Baudelaire, <i>As flores do mal</i> F. M. Dostoevskij, <i>Crime e castigo</i>	30 %

Fr. Rabelais, <i>Gargantua e Pantagruel</i> Sófocles, <i>Édipo Rei</i> Stendhal, <i>O vermelho e o negro</i> Th. Mann, <i>A montanha mágica</i> Virgílio, <i>Eneida</i> R. Musil, <i>O homem sem qualidades</i> L. Ariosto, <i>Orlando Furioso</i> J. W. Goethe, <i>Os sofrimentos do jovem Werther</i>	22 %
Voltaire, <i>Cândido, ou o otimismo</i> F. Dostoevskji, <i>Os irmãos Karamazov</i> P. Calderon de la Barca, <i>A vida é sonho</i> Ovídio, <i>Metamorfoses</i> D. Defoe, <i>Robinson Crusoe</i> L. Tolstoj, <i>Anna Karenina</i> H. Ibsen, <i>Casa de bonecas</i>	20 %

Se calcularmos o percentual de “aprovação” dos dez primeiros autores da lista, teremos os três primeiros nomes (Dante, Goethe e Shakespeare) com 70% cada um (do total de quarenta votantes), considerando que cada entrevistado poderia indicar somente um nome e que não poderia indicar autores de seu país. Muito alto é também o consenso em torno dos cinco sucessivos (Tolstói, Cervantes, Dostoiévski, Kafka, Mann), que oscila entre 62,5 e 55%, e os dois últimos (Flaubert e Petrarca) que ostentam 47,5% de aprovação. Os vinte que seguem também apresentam percentuais significativos: de 35% de Ibsen a 42,5% de Homero e Tchekhov, enquanto para os próximos dez partimos de 32,5% de Boccaccio até chegar aos 25% Voltaire e outros. No entanto, há um núcleo fechado de dez autores, um “cânone” reconhecido por metade a 70% dos entrevistados. Para os próximos vinte se atinge ainda um percentual de consenso muito significativo: entre esses, autores que ninguém sonharia em excluir de um cânone europeu de “clássicos”, com entradas por vezes inesperadas, mas significativas, tais como Stanislaw Lem, autor de *Solaris*.

Se olharmos para a distribuição geográfica das respostas, o significado cultural da amostra aumenta, uma vez que para os três primeiros autores deve-se deduzir que no caso extremo (isto é, supondo que todos os informantes de um país tenham votado uniformemente), os professores de pelo menos nove universidades européias expressaram sua preferência por esses três autores. Na realidade, é difícil que isso tenha acontecido em nível de probabilidade. Em cada caso, permanece o fato de que a grande maioria dos professores consultados, independentemente da sua origem geocultural, acredita que Dante, Goethe e Shakespeare são patrimônio irrenunciável de todo europeu e que a grande maioria acredita que eles devem ser associados aos outros sete primeiros da lista. Por sua vez, desses não devem ser distanciados os dez seguintes, aos quais devem ser unidos como segundo grupo os próximos trinta autores, até Voltaire: são autores indicados por um mínimo de quatro universidades até um máximo de dez-doze sobre quatorze no total. Acima de tudo, um fato não deve ser esquecido: estas indicações prescindem completamente das preferências ufanistas; os



“informantes” não poderiam, sob nenhuma circunstância, indicar um autor de seu próprio país.

Mesmo a lista das obras favoritas confirma a lista dos autores: o menor número de votos (e, portanto, a percentual mais baixa) para cada obra, tanto na posição mais alta (*Dom Quixote*, *Hamlet*, *Divina Comédia*), como naquela baixa (*Robinson Crusóé*, *Anna Karenina*, *Casa de boneca*) pode ser explicado, em alguns casos importantes, com a presença de mais obras de um mesmo autor e, portanto, com a subdivisão das preferências entre mais obras (significativo, porém, o caso de Homero, Goethe e Dostoiévski, uma vez que, se as preferências dadas a todas as suas obras indicadas fossem somadas, saltariam para o topo da classificação). Mas não é isso o que nos interessa imediatamente. O que interessa e resulta claro é o consenso muito forte sobre alguns autores e algumas obras que são reconhecidos pela grande maioria dos entrevistados, de diferentes países europeus, como *fundacionais* de um cânone *europeu*, autores e obras cuja leitura é considerada indispensável para um europeu. E, sobretudo, é interessante que resultados semelhantes sejam encontrados em uma pesquisa realizada com cerca de 350 estudantes universitários, apenas italianos na pesquisa de 2007. Isso permitiu algumas considerações talvez esperadas, se quisermos, mas não totalmente previsíveis.

Existem, de fato, alguns autores e algumas obras que fazem parte do patrimônio primário da literatura europeia tanto para os professores como para os alunos: *Divina Comédia*, *Hamlet*, *Dom Quixote*. Além de Dante, Shakespeare e Cervantes, há outro autor, Goethe, que faz parte da mesma classe. Uma constelação de outros autores e obras move-se em torno deles (Tolstói, Flaubert, Joyce, Homero), que gozam, embora em graus variados, do mesmo privilégio. Em torno deles gira uma dúzia de outros autores, de Kafka a Baudelaire, Dostoiévski, Boccaccio, Stendhal, Mann, Proust, Petrarca, que tornam o quadro mais articulado diacronica e tematicamente.

Se ficarmos apenas com a lista dos professores, notamos que nos dez primeiros (ou seja, o cânone “restrito”) estão representados os países que ao longo dos séculos exerceram uma função hegemônica, por períodos mais ou menos longos, sobre a cultura e a literatura do velho continente: França, Itália e Grécia antiga com 2 autores; Inglaterra, Irlanda, Alemanha e Rússia com 1 autor; entre os 20 primeiros, a França com 3 e a Itália com 2, assim como a Alemanha e o classicismo greco-latino, às quais somam-se a Boêmia e a Áustria, ou seja, duas outras obras de língua alemã, expressão do Império Austro-Húngaro e da cultura da Europa Central. Entre os trinta primeiros países, a França coloca três outras obras, a Inglaterra 4, a Rússia 3, a Itália, o Império Austro-Húngaro, a Suécia e a latinidade clássica 1.

Essas obras são distribuídas bastante uniformemente ao longo do tempo, desde a Idade Média até o século XX, com uma presença significativa da cultura clássica (Homero, Sófocles, Virgílio, Ovídio) e do primeiro cânone em vernáculo das literaturas europeias: o italiano (Dante, Petrarca, Boccaccio), ainda considerado importante. São obras que demonstram a longa duração da literatura europeia, mas também o seu multiculturalismo orgânico e o multilinguismo, que abrange três continentes: Europa, Ásia e África, das origens até os dias de hoje. É

uma lista que se presta a um uso acadêmico não autoritário, mas aberto, especialmente se estendido aos primeiros trinta autores. É impressionante a progressiva e absoluta hegemonia do gênero moderno por excelência, o romance, que Schlegel definiu como a expressão da própria vida. Apenas o teatro tem algumas incursões significativas. Do século XVIII aos nossos dias, apenas um poeta entra no cânone mais restrito: Baudelaire; com alguma resistência também entram Leopardi e Rimbaud. A poesia é, de outro modo, inteiramente clássica ou italiana (medieval e renascentista), até Ariosto (e com a curiosa presença de Boiardo). Decai um gênero, a poesia, e uma forma de civilização, e começa a grande civilização burguesa moderna, da qual a cultura italiana é substancialmente excluída ou reduzida a um papel de apoio. O romance é o grande reservatório produtivo do imaginário, dos sentimentos e da cultura europeia moderna. Fazer dele um sujeito formativo para desenvolver as habilidades críticas do jovem europeu do futuro é necessário, para entender o que une, mas, sobretudo, para entender em plena consciência quem somos, o que queremos e por que queremos.

O número de entrevistados não foi alto e, portanto, estatisticamente ainda não é muito confiável, mas de todo modo ainda é bem distribuído e representativo, e poderíamos ter parado por aí. Mas, ao invés disso, quatro anos depois queríamos verificar a representatividade da pesquisa anterior, estendendo-a em quantidade e, sobretudo, aos estudantes, mas em um número menor de países, dada a vastidão da amostra e esclarecendo explicitamente que poderiam ser indicados autores de todas as épocas. Foram mais de 3000 estudantes: 2983 de ensino médio, 593 universitários, cerca de 100 professores universitários de cinco grandes países da União Europeia (Itália, Alemanha, Espanha, Portugal, Romênia).

Aqui estão os resultados, limitados às obras, em relação às escolhas dos professores universitários e estudantes de ensino médio:

<b>Professores de Ensino Médio</b>	<b>Professores universitários</b>
Guerra e Paz (4)	Guerra e Paz (5)
Hamlet (4)	Hamlet (5)
A Divina Comédia (3)	A Divina Comédia (4)
Dom Quixote de la Mancha (3)	Dom Quixote de la Mancha (4)
Madame Bovary (3)	Madame Bovary (4)
Ulysses (2)	Ulysses (5)
As flores do mal (2)	As flores do mal (2)
O nome da rosa (2)	Em busca do tempo perdido (4)
Crime e castigo (2)	Decamerão (2)
Os irmãos Karamazov (2)	Fausto (2)
Os Miseráveis (2)	

Nesse caso também não quero fazer um exame analítico e minucioso em demasia, o que poderia ser entediante (dada a vastidão do questionário enviado aos entrevistados e a ampliação das respostas possíveis), mas mostrarei a extensão e os possíveis usos em pesquisas futuras:

**Questionário para os professores universitários**

1. Quais são os 20 autores ou 20 autoras mais relevantes da literatura do seu país das origens ao século XXI?
- 1.1. Quais são os 20 autores ou 20 autoras mais relevantes da literatura do seu país no século XX?
2. Quais são as 20 obras mais importantes da literatura do seu país das origens aos nossos dias?
3. Quais são, no seu entendimento, os 15 autores ou as 15 autoras mais importantes da literatura europeia, excluídos aqueles do seu país?
4. Quais são, no seu entendimento, as 15 obras mais importantes da literatura europeia, excluídas aquelas do seu país?
5. Quais são os 15 autores ou as 15 autoras que o/a Sr./a considera injustamente avaliados na realidade cultural do seu país?
6. Quais são, no seu entendimento, as 6 obras mais importantes da literatura contemporânea, incluindo a literatura não europeia?
- 6.1. Quais são, no seu entendimento, as 10 obras mais importantes da literatura europeia, excluídos aquelas do seu país no século XX?
7. Quais são, no seu entendimento, os 10 autores ou as 10 autoras mais importantes do cânone escolar do seu país?
8. Quais são, no seu entendimento, as 10 obras mais importantes do cânone escolar do seu país?
9. Quais são, no seu entendimento, os 5 livros mais importantes para a infância no seu país?
10. Quais são, no seu entendimento, os 5 livros mais importantes para a infância na literatura europeia, excluindo aqueles do seu país?
11. Quais são as 6 leituras que o/a Sr./a normalmente aconselha aos seus estudantes?
12. Quais são os personagens (masculinos e femininos) da literatura europeia que mais chamaram a sua atenção?
13. Quais são os sentimentos mais relevantes que o/a Sr./a reconheceu na literatura contemporânea?
14. Quais são as emoções mais importantes que o/a Sr./a vivenciou na leitura de obras europeias?
15. Quais são, segundo o/a Sr./a, os personagens (masculinos e femininos) que representam os tipos ideais na literatura europeia?
16. Quais são, segundo o/a Sr./a, os valores mais importantes reconhecidos na literatura europeia?
17. Quais são, segundo o/a Sr./a, as mensagens negativas reconhecíveis na literatura europeia?

Vou me limitar a constatar os pontos de contato e, portanto, de verificação em relação à pesquisa anterior, sublinhando ao mesmo tempo as diferenças mais evidentes, especialmente nas preferências dos jovens e dos professores. Comparado a 2007, no que tange aos professores, seja universitários quanto de ensino médio (com significativa sobreposição total entre as duas listas), alguns

autores mudam de posição na lista dos dez melhores. Shakespeare e Cervantes mantêm a primazia, enquanto Proust e Joyce ascendem e Dante declina, mas, acima de tudo, muitos autores dos séculos XIX e XX sobem de posição, ao contrário do que acontece nas escolhas dos estudantes:

Professores universitários	Professores de Ensino Médio
Shakespeare (5)	Shakespeare (4)
Proust (5)	Proust (2)
Cervantes (4)	Cervantes (3)
Kafka (4)	Kafka (2)
Dostoiévski	Dostoiévski (4)
Joyce (4)	Joyce (2)
Goethe (3)	Goethe (4)
Flaubert (3)	Flaubert (2)
Dante (2)	Dante (2)
Tolstoi (2)	Tolstoi (4)

O importante, porém, é a quase total sobreposição, mantendo a classificação à parte, entre as listas de professores da pesquisa de 2011 e a de 2007, embora haja uma regressão nas preferências de dois autores-chave, Dante e Goethe, e a substituição de Petrarca por Proust. O cânone literário europeu foi por assim dizer “modernizado”, como aparece também na pesquisa com as obras favoritas, onde, porém, retorna, junto a Proust e Baudelaire, um nome da modernidade medieval: o *Decamerão*. Permanece o fato, muito importante, de que os dez primeiros autores e as dez primeiras obras continuam substancialmente inalterados e que, portanto, poderia ser este o ponto de partida para uma literatura europeia compartilhada. A literatura greco-latina clássica resiste, mas na segunda linha, incluindo Homero. É interessante notar a inserção, entre as preferências dos professores europeus de ensino médio, de *O nome da rosa* (mas não do autor!)

Pode-se tentar resumir o significado geral das perguntas pelo menos para as obras (e seus respectivos autores). Os entrevistados confirmam amplamente o fundo literário europeu comum, mesmo com uma forte preferência por Homero *versus* seus professores, mas também nos dizem que os estudantes europeus desempenham plenamente seu papel de abertura para o novo e para o que é mais característico de sua idade, abarcando autores não incluídos no cânone escolástico, tanto no que diz respeito à tradição literária (com a entrada de Verne, Dumas, Saint-Exupéry etc.), quanto de *bestsellers* e obras muito recentes (Rowling com *Harry Potter*), talvez sobrepondo, às vezes, leituras escolares e sugestões cinematográficas (Wilde, com *Dorian Gray*):

*Quais são, na sua opinião, as 10 obras mais importantes da literatura europeia, desde os clássicos do passado até a atualidade?*

Estudantes de Ensino Médio		Estudantes universitários	
Romeu e Julieta	47,79 %	Romeu e Julieta	34,08 %
Hamlet	27,92 %	Dom Quixote de la Mancha	32,29 %
Harry Potter	21,27 %	Hamlet	32,29 %

Dom Quixote de la Mancha	16,09 %	A Divina Comédia	28,70 %
Odisseia	13,39 %	Iliada	19,51 %
Orgulho e preconceito	12,37 %	Madame Bovary	19,28 %
O retrato de Dorian Gray	11,83 %	Odisseia	17,94 %
Iliada	11,39 %	Os Miseráveis	11,66 %
Os Miseráveis	10,80 %	Doutor Fausto (Th.Mann)	10,76 %
Madame Bovary	9,02 %	Ulysses	9,87 %
Na sequência estão: <i>Divina Comédia, Crime e castigo, Guerra e paz, O pequeno príncipe, Anna Karenina, O Morro dos Ventos Uivantes, Oliver Twist, Os três mosqueteiros, O senhor dos anéis, Robinson Crusóé.</i>		Na sequência estão: <i>As flores do mal, Decamerão, Guerra e paz, O vermelho e o negro, Anna Karenina, O retrato de Dorian Gray, Crime e castigo, Orgulho e preconceito, O Idiota, Eneida.</i>	

Eles demonstram que sobre alguns autores há uma perfeita sobreposição entre as escolhas dos professores e as escolhas dos estudantes, tanto os do ensino médio como os da universidade: Shakespeare, Dostoiévski, Tolstoi, Cervantes e Goethe em primeiro lugar, mas também Kafka, Baudelaire, Dante, Balzac, e posição de destaque, Homero. É a confirmação, mais uma vez, do poder de direcionamento da escola, se quisermos ver dessa maneira. Essas escolhas também são confirmadas quando os estudantes ingressam na universidade e ampliam a gama de leituras com novas inserções (Flaubert, Molière, Camus, Dickens, Voltaire) e alguma reversão em sua escala de valores (notável é a subida de Dante), eliminando leituras mais características (*Harry Potter, O retrato de Dorian Gray, Orgulho e preconceito*), mas mantendo algumas preferências típicas das leituras juvenis e provavelmente influenciadas pelas leituras da época da escola (primeiramente *Romeu e Julieta*). Seria naturalmente interessante uma análise mais aprofundada (para notar também as diferenças entre estudantes do ensino médio e aqueles da universidade), assim como a comparação entre as obras consideradas pelos estudantes como as mais importantes e aquelas preferidas, o que obviamente não é a mesma coisa, e de fato existem diferenças significativas nisso.

E mantendo, sobretudo, um caráter definidor e quase único da literatura europeia no panorama literário mundial (compartilhado apenas por algumas outras literaturas, como a chinesa): a sua extensão diacrônica (especialmente se considerarmos não apenas os 10 primeiros, com Homero, mas os 20 primeiros autores) e, portanto, a sua profundidade diastrática e interligada, o que explica muito bem também por que na Europa, terra evidentemente da tradição, nascem e proliferam todas as grandes vanguardas do século XX, incluindo aquelas que serão depois imitadas em outros continentes, abarcando o norte-americano, mas que no cânone não aparecem ou aparecem apenas através de terceiros (como Joyce). A tradição, o cânone e os modelos têm em si, quase fisiologicamente, no momento da crise, as rupturas e as contestações. E este é certamente um dos grandes nexos identitários do cânone europeu, impossível em outros lugares, como poderia facilmente demonstrar um olhar, mesmo superficial, para outro

cânone do século XX, bem presente para todos nós: o dos vencedores dos prêmios Nobel, o que poderíamos chamar de “cânone Nobel”; um cânone global, aparentemente aberto a inovações, especialmente nos últimos anos. De fato, em sua longa história, talvez seja o mais fechado e maçante de todos, capaz de não premiar os maiores autores do século XX, de Proust a Kafka, de Joyce a Musil, passando por Virgínia Woolf etc., todos presentes no que poderíamos definir o *European standard average canon*, o “cânone europeu padrão”.

O que essas pesquisas nos dizem? Em primeiro lugar, que há solidariedade e continuidade, mas também inovação e mudanças progressivas no gosto, com o crescimento educacional e cultural, entre estudantes e professores. De todo modo, existe um *mínimo denominador comum europeu forte*, aquele cânone que estávamos procurando e que coincide basicamente com aquele já apontado na primeira pesquisa. Valeria a pena então propô-lo a toda a União Europeia, entregando-o institucionalmente, começando com a Itália, a uma escola ainda demasiado ancorada, mesmo na Itália, à tradição nacional, mas, evidentemente, capaz de propor uma tradição europeia específica, que liga organicamente, como no passado e como tínhamos hipotizado, a formação do imaginário, cânone e escola, reconhecimento e prática dos sentimentos, mesmo na escolha dos personagens favoritos, pois se consentiu aos entrevistados indicar também personagens da literatura nacional (importante porque portadores de sentimentos e de emoções decisivas no período juvenil, *e ao longo da vida*): daí a presença de personagens inesperados, como Don Abbondio ou Moromete.

Limito-me a propor os dados, sem comentá-los, mas perceba-se como às vezes os personagens superam claramente, como no caso de Anna Karenina, as preferências atribuídas às obras, e como emergem personagens não representados nas obras favoritas.

No caso dos professores:

*Quais personagens (masculinos e femininos) da literatura europeia lhe impressionaram mais profundamente?*

Professores universitários		Professores de ensino médio	
Dom Quixote	44,44 %	Anna Karenina	23,53 %
Emma Bovary	25,00 %	Hamlet	17,65 %
Hamlet	13,89 %	Dom Quixote	15,13 %
Fausto	12,50 %	Blimunda Sete-Luas	10,92 %
Anna Karenina	11,11 %	Ulisses	10,08 %
Raskolnikov	9,72 %	Ilie Maromete	8,40 %
Ulisses	8,33 %	Emma Bovary	8,40 %
Don Abbondio	6,94 %	Ana Ozores	7,56 %
Don Juan	6,94 %	Raskolnikov	7,56 %
Dorian Gray	5,56 %	Doamna T	6,72 %

No caso dos estudantes:

*Quais personagens (masculinos e femininos) da literatura europeia lhe impressionaram mais profundamente?*

Estudantes de ensino médio		Estudantes universitários	
Romeu	14,83 %	Dom Quixote	20,05 %
Julieta	12,41 %	Emma Bovary	18,21 %
Harry Potter	7,33 %	Hamlet	13,19 %
Dom Quixote	6,66 %	Anna Karenina	12,66 %
Hamlet	6,43 %	Romeu	8,18 %
Ion Pop	5,58 %	Dorian Gray	7,92 %
Otilia Marculescu	5,53 %	Julieta	7,92 %
Emma Bovary	5,25%	Fausto	6,60 %
Dorian Gray	4,46 %	Ulisses	6,60 %
Ulisses	4,46 %	Moromete	6,33 %

Mas as obras e os personagens literários são importantes também para a capacidade de produzir e reconhecer as emoções mais fortes relacionadas à leitura:

União Europeia %	Itália %	Portugal %	Espanha %	Romênia %	Alemanha %
sadness 33,54	tristezza 22,19	tristeza 29,1	tristeza 40,16	tristete 26,34	trauer 50
joy 24,13	gioia 19,06	alegria 23,5	alegria 23,5	suspans 19,2	freude 44,09
love 16,03	felicità 14,34	amor 16,98	intriga 19,4	bucurie 17,63	liebe 27,7
suspence 14,34	malinconia 14,34	felicidade 14,81	amor 19,67	fericire 17,41	mitgefühl 25,45
happiness 14,14	amore 11,49	suspense 11,73	miedo 15,85	frică 16,29	spannung 21,36
fear 10,34	noia 11,49	emoção 6,17	emoción 15,03	compasiune 11,16	hass 16,36
compassion 9,09	stupore 9,92	entusiasmo 6,17	pena 15,03	iubire 10,71	glück 11,82
anger 7,21	interesse 9,14	curiosidade 5,86	felicidad 12,3	entuziasm 9,82	angst 11,82
commotion 5,75	commozione 7,57	medo 5,25	rabia/ira 9,02	dezamăgire 9,15	wut 9,55
hatred 6,68	rabia 7,57	raiva 5,25	odio 6,83	melancolie 8,48	Spaß/belustigung 7,27
boredom 4,81	piacere 7,57	esperançado 4,32	angustia 6,28	curiozidade 6,47	langeweile 6,82
melancholy 4,57		surpresa 4,32		uimire 6,47	

Os personagens poderiam nos dizer muito sobre o sentido dos clássicos e seu impacto sobre nós: poderíamos também analisar cada um dos personagens e emoções em suas mudanças históricas, mas obviamente seria matéria para outra leitura.

Eles também nos dizem algo sobre as ausências registradas nas escolhas de professores e estudantes: autores e obras que no passado foram reconhecidos como clássicos fundamentais e depois se perderam em mudanças históricas ou talvez foram incluídos em outras obras nascidas deles próprios (é o caso da *Chanson de Roland*, nas origens da veia cavalheiresca, até os ciclos televisivos de hoje, mas considerada já no início do século XX como ainda mais *embétante* que a *Iliada* por um grande escritor francês como Gide), ou obras que esperaríamos encontrar nas preferências dos europeus e, ao invés disso, faltam e nos dizem muito sobre a mudança dos gostos e dos valores (não Maquiavel, evidentemente, considerado um historiador e não um literato, mas, por exemplo, Horácio, tão decisivo na história da Europa ainda no Século das Luzes, e talvez Marco Polo). Nada falarei a respeito de autores reconhecidos como grandes numa tradição nacional mas ignorados em nível europeu (como Manzoni). Reunimos alguns na exposição da Biblioteca Corsiniana, expostos em *banners* para enfatizar não apenas que é necessário esquecer muitas coisas para lembrar aquelas essenciais (nas palavras de um grande filósofo e crítico, Vyacheslav Ivanov), mas que às vezes é necessário recuperar as próprias memórias e refazer as contas.

É interessante notar, por outro lado, como algumas obras “esquecidas” nas listas propostas pelos entrevistados (penso, por exemplo, nos poemas épicos e medievais de cavalaria ou no *Tristão e Isolda*) foram e são componentes muito ativos do nosso imaginário, mesmo fora do campo literário: na música, no cinema, nas séries de TV, para filmagens, reelaborações, citações. Elas estão entre os arquétipos mais frequentes do nosso imaginário. Os produtos da literatura românica medieval atravessam toda a literatura europeia até nós sem serem reconhecidos como parte do cânone europeu, talvez porque não sejam escolares e estejam muito ligados ao imaginário romântico e infantil.

Uma comparação com o “cânone Nobel” pode nos conduzir também a outra consideração interessante: vimos que na perspectiva de longo prazo, uma literatura e um cânone europeu nascem há quase três mil anos. O cânone Nobel, em sua origem nascido quase integralmente - e integralisticamente - como cânone europeu “normal” - muito conservador, conformista e respeitoso do peso das várias potências continentais europeias - expressará gradualmente, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, o peso hegemônico das literaturas anglo-americanas, incluindo as colônias. É o momento a partir do qual talvez se poderia datar o fim da literatura europeia e o advento da *Weltliteratur*, uma literatura globalizada, defendida em primeiro lugar por Goethe e depois anunciada por Erich Auerbach em 1952, essa enfatizando porém a distância daquela de Goethe.

A *Weltliteratur* goethiana, ao qual Auerbach alude, é na verdade a atenção e o respeito pelo diferente, sério e consciente, na certeza de que diversidade é riqueza. O processo que Auerbach já via ao seu redor era, ao contrário, homologação, anulação da diversidade e, portanto, da história. Existe uma ligação muito estreita entre o apagamento da história e uma globalização desprovida de interesse e respeito pelo outro, que se reflete também em termos dos métodos e dos interesses críticos. Se não há dúvida de que a multiplicação dos sujeitos e dos objetos de estudo torna necessários novos métodos capazes de “sintetizar” e/ou compreender a essência das coisas (como aconteceu com a estilística, o estruturalismo e semiótica), também não é menos certo que este deveria ser somente o primeiro passo para uma aproximação e uma inteligência mais completa dos textos e do seu significado. Portanto, a subsequente indicação de Auerbach parece válida ainda hoje: “Já agora estamos ameaçados pelo empobrecimento resultante de uma formação cultural ahistórica, uma formação que não apenas já existe, mas que agora possui direitos soberanos. O que somos, nos tornamos em nossa história, e somente nela podemos permanecer tais e nos desenvolver”.

A consciência da identidade literária europeia implica, assim, a prática de uma sua característica fundamental: continuar a exercer a comparação e a relação com o Outro, como indispensável fator de enriquecimento, como demonstra a história e a literatura europeia, para além do colonialismo e do imperialismo, precisamente inventados na Europa e praticados em escala global. Neste sentido, uma crítica da globalização terá de partir de uma consciência das raízes históricas e das razões comuns da Europa, mas também de uma análise cuidadosa e respeitosa de suas responsabilidades históricas e das diferenças internas da Europa, sem medo da perda de identidade ou de *status*. Há um vasto campo de



pesquisa e autocrítica que pode escapar seja da lamentação e da exaltação do bom tempo que se foi, seja da acrítica aceitação da inevitabilidade do que já foi dado e já previsto: a globalização que homologa, e não a *Weltliteratur*, se alimenta também do fascínio e da potência das profecias auto-realizáveis.

É uma constatação que nos remete imediatamente a um caráter constitutivo, desde as origens, do que foi definido ao longo do tempo como “literatura européia”: uma literatura multilíngue, multicultural, organicamente devedora a várias literaturas e várias línguas, desde Homero até nós, e um cânone perpetuamente *móvel*, como nos ensinam muitas grandes obras agora sentidas como fora do cânone, assim como ainda podemos preservar os valores e emoções transmitidas. Um cânone verdadeiramente europeu, hoje mais do que nunca, no século XXI, deve, portanto, ser um cânone aberto ao mundo, mas por isso mesmo necessariamente consciente de sua identidade e *diversidade*, como partes constitutivas de sua herança genética.

Um cânone que na realidade faz parte, acredito eu, do patrimônio cultural de cada um de nós, há muito tempo, sem a necessidade de pesquisas, talvez com uma série de pequenas variações devidas ao gosto e às experiências afetivas e culturais de cada um. Antonio Gramsci, em uma carta escrita na prisão, propôs o que chamou de minicânone de leituras para seu filho Delio, e nela encontramos Homero, Ésquilo, Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Tolstói, com o acréscimo de um italiano ainda hoje negligenciado fora da Itália: Leopardi. São aproximadamente os mesmos autores que aparecem em um mais longo “cânone” pessoal (não apenas literário) declarado por Eugenio Scalfari na revista “Espresso” (12 de março 2017): *Satyricon*, *Iliada*, *Odisséia*, Dante, Petrarca, Vico, Montaigne, Diderot, Voltaire, Rousseau, Poe, Mann, Dostoiévski, Gogol, Proust, Joyce, Alfieri, Foscolo, Leopardi. E note-se que todos os autores de Gramsci também estão presentes no cânone Scalfari e que o cânone Scalfari está quase totalmente incluído naquele da nossa pesquisa.

Para chegar a um cânone europeu partilhado menos importa uma hierarquia e um primado, e mais verificar convergências e essas parecem muito claras: são aquelas que tentamos representar na exposição de manuscritos e livros do cânone europeu na Biblioteca Corsiniana, como memória ativa da Europa, depositada nos lugares materiais da sua conservação e proteção, mas disponível para todos nós.

Na literatura é impossível distinguir entre um “Antigo” inútil e um “Moderno” ou “Contemporâneo” que “superou” o que foi produzido anteriormente; a idéia de que uma “invenção” torna inútil a precedente pode ser sustentada (e não por inteiro, como foi recentemente reconhecido) nas ciências naturais e técnicas, não nas ciências históricas, “humanistas”. A *Odisseia* pagã do Ulisses de Homero não se tornou inútil pela viagem cristã de Dante na *Divina Comédia*, ou pelo *Ulysses* de James Joyce: sem conhecer a *Odisseia* é certamente possível apreciar, mas impossível compreender plenamente as duas grandes obras-primas da Idade Moderna (a *Divina Comédia*) e do mundo contemporâneo (o *Ulysses*). A literatura, além de responder às solicitações e questionamentos da história, é uma atividade que reflete também sobre si mesma, uma arte que se

reutiliza continuamente, também para questionar e criticar o passado e o presente: não só para *conservar*, mas também produzir e *innovar*.

A consciência da identidade literária europeia implica hoje, de fato, a prática de uma de suas características fundamentais: continuar a exercer a comparação e a relação com o Outro, como fator indispensável de enriquecimento, como mostra a história e a literatura europeia. Nessa perspectiva, é possível pensar em uma nova síntese e em um futuro diferente para a cultura e a literatura europeia, uma vez que são exatamente as suas raízes mais profundas no Antigo a serem capazes de colocá-la em jogo, como experiência irredutível em uma época como a nossa, na qual a passagem para a civilização e para as linguagens de massa e eletrônicas colocam em primeiro plano não a transmissão e a reprodução do mito, nem apenas a sua divulgação, mas a sua própria *reinvenção*.

Mas se essa lista de grandes autores e obras está tão presente na consciência dos europeus, por que não é uma parte orgânica, agora, do percurso educacional da União Europeia? Talvez uma pergunta como essa pareça estranha num momento em que outras questões pairam sobre o futuro da Europa, mas essa não é uma questão secundária e a sua não-solução também se refere a outras deficiências e atrasos na construção da Europa: sobretudo aquelas relacionados ao mais longo e difícil compromisso unitário.

Igualmente complexo e obviamente delicado e decisivo entender como resolver essas questões que, porém, confirmam nos estudantes e em todos nós, ao lado da consciência de uma tradição literária europeia comum, a importância das leituras literárias na sua formação, infelizmente ainda não reconhecidas na política como um problema fundamental para o futuro da unidade europeia, especialmente agora, na sua crise. É um longo trabalho que está apenas começando, no qual trabalhamos há muito tempo na Academia dos Lincei e trabalharemos ainda por um longo tempo, com eventos específicos, como fizemos com inúmeras iniciativas e com a exposição “Os livros que fizeram a Europa” e a Fundação “Os Lincei para a escola”, convencidos da importância fundamental e da necessidade real de uma relação ativa de *escuta e intercâmbio* com todos os cidadãos, italianos e europeus, como tentamos também com este novo ciclo de leituras, destinado a promover o conhecimento mais extenso dos tesouros mantidos pela Biblioteca Corsiniana, conforme esclareceu um grande físico e Presidente do Conselho de Supervisão da Biblioteca, Gianni Jonia Lasinio.

Tradução de Karine Simoni  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Roberto Antonelli

Karine Simoni  
[KaSimoni@gmail.com](mailto:KaSimoni@gmail.com)

Recebido em: 17 out. 2018

Aceito em: 10 dez. 2018

Publicado em: 29 dez. 2018